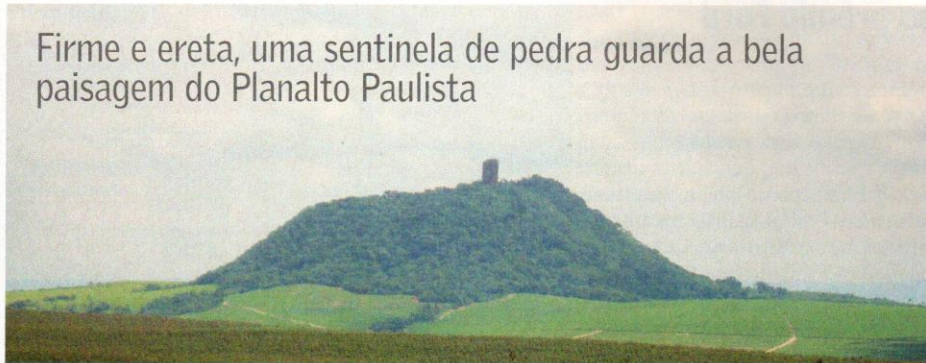


Testemunha do tempo

texto LIANA JOHN e fotos GISELDA PERSON



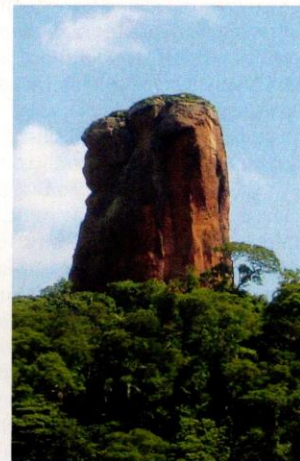
Firme e ereta, uma sentinela de pedra guarda a bela paisagem do Planalto Paulista

De longe parece a torre de um castelo em ruínas. O local seria mesmo apropriado para uma fortaleza medieval, no alto de um morro, com visão de 360 graus para o vale ao redor. Mas a Pedra da Torrinha fica no Brasil, quase na divisa do município homônimo com Santa Maria da Serra, no Estado de São Paulo. E ali nunca se construiu um castelo de verdade: aquela sentinela vertical, de paredões nus, que se sobressai em meio à mata no topo da elevação, é rocha maciça. Trata-se de uma intrusão vulcânica sobre um morro testemunho, parte de um relevo cuestiforme (de *cuestas* basálticas) formado no Período Terciário, na Era Cenozóica (entre 70 e 12 milhões de anos).

Se trocarmos em miúdos, o punhado de termos técnicos revela que as rochas mais duras — como a própria Pedra da Torrinha — formaram-se há muito tempo, quando havia atividade vulcânica, hoje extinta. Derramamentos de

lava ou rochas mobilizadas pelo vulcanismo concentraram-se em alguns pontos dispersos e acomodaram-se ao longo de algumas falhas do solo, em meio a formações mais brandas, como o arenito. A altitude geral, na região, era superior à atual e os acidentes geográficos, mais abruptos. Com o passar dos anos — muitos e muitos anos — o vento, as chuvas e as diferenças de temperatura erodiram o material mais mole, aplanaram a paisagem e expuseram os paredões de basalto. Essa erosão milenar conferiu aos antigos derramamentos de lava a forma de muralhas que agora dividem as terras altas das baixas — as *cuestas* basálticas — ou a aparência de ilhas altas em meio a terras baixas — como o morro testemunho.

A pedra em forma de torre tem 30 metros de altura e seu pico está a cerca de mil metros acima do nível do mar. Alguns montanhistas arriscam escalar os paredões verticais para melhor apre-



ciar a privilegiada vista lá do alto. Nas *cuestas*, numerosas quedas d'água abastecem as ricas fauna e flora remanescentes, uma mistura de espécies de campos, cerrados e matas de galeria. O município de Torrinha está inserido na Área de Proteção Ambiental (APA) Corumbataí/Botucatu/Tejupá, criada em 1983, com 6.492 km².

1



BIODIVERSIDADE

AS SEM VERTIGEM

texto LIANA JOHN e fotos ROGÉRIO SALMIANI

*Cheias de cores e delicadezas,
as rainhas-do-abismo encantam especialistas
e colecionadores. E prometem movimentar
um novo tipo de turismo de observação,
se escaparem aos riscos de extinção*

Sinningia araneosa



PINTADINHA

A espécie *S. lineata*, que ocorre no Sul, tem 'batata' grande. A *S. speciosa* (à dir.) deu origem à gloxínia, planta popular nos nossos jardins

*Sinningia lineata*

Durante os meses de seca e frio, tudo o que se vê é uma 'batatinha', sem folhas, somente com as raízes agarradas a rochas, nas fendas, no meio de paredes sem qualquer reentrância, no alto de troncos de árvores, em pontos aparentemente sem recursos para a sobrevivência de uma planta. Só quando chega a estação da reprodução — primavera, verão ou outono, dependendo da espécie — brotam as folhas e as flores. Algumas são minúsculas, a ponto de caberem inteiras num dedal, com detalhes de uma delicadeza que dá até medo de olhar. Outras são volumosas, florescem em buquês multicolori-

dos. As folhas podem ser carnudas e, eventualmente, aveludadas. As pétalas das flores, em geral, exibem duas cores. São lisas ou pintadinhas, vão do branco ou amarelado ao vermelho-vivo, passando por todos os tons de rosa, lilás e roxo. Apesar das variações, todas pertencem ao mesmo gênero, *Sinningia*. Têm em comum o poder de seduzir quem, por acaso ou depois de muito procurar, as encontra em flor. E várias delas também compartilham uma característica curiosa: 'adoram' precipícios e por isso recebem o nome comum de rainhas-dobabismo.

A família dessas 'realezas' — chamada Gesneriaceae — tem centenas

de representantes espalhados por todos os continentes, entre os quais a 'parente' mais famosa é a violeta africana (*Saintpaulia ionantha*). Mas o gênero *Sinningia*, propriamente dito — e suas 70 espécies conhecidas — é 99% brasileiro. Existe uma única espécie não brasileira, nativa da região de Chiapas, no México: *S. richii*. Duas outras espécies foram descritas a partir de exemplares coletados na Argentina e no Paraguai, porém informalmente essas mesmas plantas já foram localizadas também em território nacional e, na prática, portanto, o gênero é considerado um legítimo patrimônio nacional pelos colecionadores.

Só que esses colecionadores são



quase todos estrangeiros, sobretudo europeus e norte-americanos. Nos Estados Unidos existe até uma organização – *The Gesneriad Society* – com filiais no Canadá e Suécia e uma legião de associados espalhados pelo mundo, verdadeiramente apaixonados por rainhas-do-abismo. Mas não há representação e nem interessados no Brasil, exceto um ou dois 'gatos pingados'. Uma das únicas plantas do gênero *Sinningia* populares de fato nos jardins brasileiros é a gloxínia, uma variedade cultivada, desenvolvida a partir da espécie *S. speciosa*.

Essa fama no Exterior – e desconhecimento nas regiões de origem – vem de longa data. A primeira es-

pécie de rainha-do-abismo descrita – provavelmente *S. helleri* – foi descoberta em 1870, na Serra do Tingá, no Estado do Rio de Janeiro, e levada para o Jardim Botânico de Bonn, na Alemanha, para ser cultivada por Wilhelm Sinning, homenageado com o nome científico do gênero. Outras 'rainhas' tiveram o mesmo destino e várias delas se tornaram objeto de cobiça entre aficionados por plantas raras, permanecendo como ilustres desconhecidas entre os brasileiros.

Até a maior autoridade em *Sinningia* é um estrangeiro: Alain Chautems, do Jardim Botânico de Genebra, na Suíça, responsável pela descrição de uma dezena de espé-

Uma espécie de 'rainha' se fixa na rocha, outra gruda nas plantas

cies recentemente nomeadas e outra meia dúzia ainda por nomear. Os especialistas 'nativos' são raras exceções, caso do administrador de empresas e botânico autodidata Mauro Peixoto; do botânico Harri Lorenzi, do Instituto Plantarum e do botânico e fotógrafo Rogério Salviani, todos de São Paulo.

Alheias à nacionalidade de seus maiores admiradores, as rainhas-do-abismo primam pela variedade de tamanhos, formas e cores. A menor espécie conhecida é *S. pusilla*, nativa da Serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro, cuja flor lilás tem apenas 1 cm, somando meros 5 cm com todas suas folhas. Entre as maiores estão a *S. gigantifolia*, dos campos de altitude do Itatiaia, entre São Paulo e Rio de Janeiro, cujas folhas chegam até um metro de diâmetro, conforme o nome em latim sugere; e as 'sulistas' *S. lineata* e *S. macrostachya*, ambas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, cuja 'batata' é grande como uma bola de basquete.

À diversidade na apresentação e tamanho das flores corresponde uma grande variedade de polinizadores. As flores maiores e mais claras, como a esverdeada *S. brasiliensis*, são polinizadas por morcegos e, para atraí-los, secretam mais néctar por volta da meia-noite. As flores vermelhas, tubulares, são polinizadas por beija-flores ou, quando os tubos são muito estreitos – como os de *S. concina* e *S. pusilla* – por borboletas. Pelo menos uma espécie – *S. tubiflora* – tem o formato e o cheiro 'feitos' para atrair mariposas. En-



Sinningia sp nova

quanto as flores lilases e roxas, em forma de sino, são irresistíveis para abelhas, e ainda têm trilhas de aromas para conduzir os insetos ao seu interior.

Extremamente resistentes, as espécies rupícolas — adaptadas para a vida sobre rochas puras — e as epífitas — que se fixam em outras plantas — não padecem sob sol forte, ou excesso de sombra, ou chuvas intensas. Porém se afogam facilmente onde a água é farta e a drenagem não é boa, e podem sofrer com clima ameno.

Para sobreviver sem problemas aos meses de inverno, com baixas temperaturas, exposição a ventos fortes e escassez de água, a estratégia comum a quase todas as espécies do gênero é perder as folhas e as flores e concentrar as reservas

A observação das 'rainhas' atrai coleccionadores de vários países

de nutrientes e energia no tubérculo — a popular 'batata'. Quando as condições de umidade e temperatura voltam a ficar favoráveis, a planta rebrota e se reproduz, espalhando suas pequenas sementes — por meio de uma cápsula que 'explode' — antes de entrar novamente em dormência. Conforme lembra Rogério Salviani, há espécies — como *S. defoliata* — que perdem as folhas antes do período de dormência, ao florescer.

Mesmo com algumas táticas di-

ferentes, a estratégia geral é a mesma. E a sazonalidade dessas plantas, aliada à sua preferência por paredes verticais, muitas vezes em locais altos, de difícil acesso, literalmente à beira de abismos, protege-as da coleta predatória que põe em risco outras plantas ornamentais igualmente visadas, como orquídeas e bromélias. Se não estão floridas, os coletores simplesmente não conseguem encontrá-las. A proteção não funciona, no entanto, contra a perda de habitats por desmatamento, queimadas ou ocupação das áreas de ocorrência.

Algumas espécies de *Sinningia* ocorrem em dois ou três Estados brasileiros. Mas a maioria é 'bairrista', ou seja, tem uma distribuição muito restrita, às vezes a uma única vertente de uma serra ou a



Sinningia mauroana

Cultivar paixões

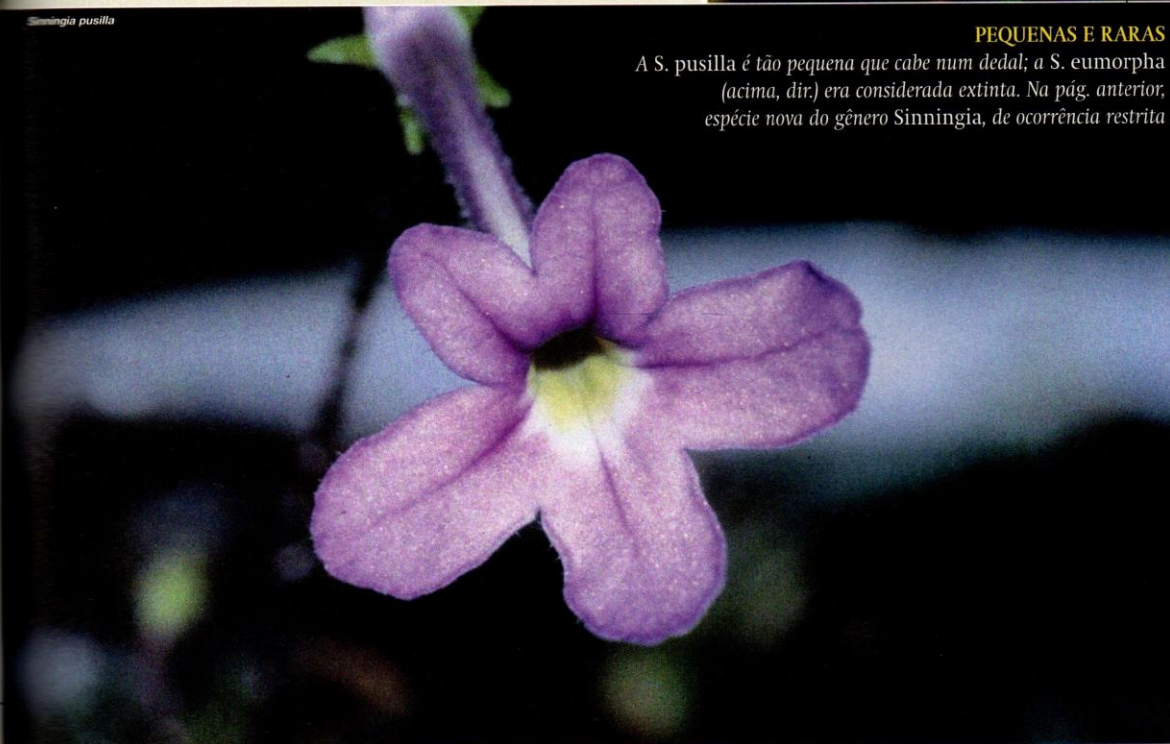
Mauro Peixoto tem 57 anos de vida e 46 de dedicação a plantas brasileiras. Aos 11 anos caiu de amores pelas orquídeas e aos 28 descobriu as rainhas-do-abismo, notando que muitas delas crescem nos mesmos ambientes das orquí-

deas. Formou-se e trabalhou como administrador de empresas até o final dos anos 1990, mas aos 48 anos trocou a profissão pelo hobby e passou a viver como guia de um turismo muito particular: o de observação de plantas. As reservas para viagens em sua companhia são feitas com seis meses a um ano de antecedência. Os destinos são os Estados da região Sudeste, ou a Mata Atlântica de São Paulo ao Espírito Santo, ou os campos rupestres da Serra do Cipó e da Chapada Diamantina, respectivamente em Minas Gerais e na Bahia. O público vem da Europa e dos Estados Unidos. Muitas vezes são apenas duas ou três pessoas, numa faixa etária entre 40 e 80 anos. São grupos curiosos, capazes de desprezar paisagens 'de cartão postal' para focar a câmera fotográfica em florzinhas de apenas um centímetro, penduradas em rochas. Coisas que a razão não alcança sem um bom impulso do coração...



Sinningia eumorpha

Sinningia pusilla



PEQUENAS E RARAS

A *S. pusilla* é tão pequena que cabe num dedal; a *S. eumorpha* (acima, dir.) era considerada extinta. Na pág. anterior, espécie nova do gênero *Sinningia*, de ocorrência restrita

No lugar certo, no momento exato

No final dos anos 1990, Rogério Salviani passou a integrar um grupo montado por Harri Lorenzi, do Instituto Plantarum, para percorrer o Brasil atrás de rainhas-do-abismo. Viajou para os mais variados nichos onde possam florescer essas plantas tão peculiares, que aprendeu a reconhecer e a admirar. Ficou responsável pelas escaladas para fotografar e/ou coletar exemplares. Foram cerca de 5 mil km percorridos em 15 expedições, várias ao lado dos especialistas Alain Chautems e Mauro Peixoto.

Mas o primeiro presente da natureza literalmente caiu aos seus pés, sem aviso prévio, quando ele se guiou sozinho por uma trilha em Brotas, Interior de São Paulo, na direção da Cachoeira do Saltão. Parecia uma folhinha, mas era uma flor, com 3 cm, rajada. Salviani a examinou e entrou em euforia: era *Sinningia* e diferente de tudo o que ele já havia visto! Ao levantar os olhos, viu dezenas e dezenas delas, um campo vertical florido.

"Fiquei louco, maluco mesmo, saí da cachoeira, não tinha celular, dirigi até o primeiro orelhão e liguei para o Mauro (Peixoto) para descrever a planta", relata. "Ele achou que era outra espécie, eu disse que não, que era diferente. Liguei para o Lorenzi e no dia seguinte estávamos todos lá de volta. Era *Sinningia piresiana*, uma espécie considerada extinta na natureza, sem registros há 56 anos! Foi como fazer um gol em final de Copa do Mundo, indescritível!"

No mesmo local, eles viram mais duas rainhas-do-abismo: *S. macropoda*, relativamente comum e outra redescoberta *S. eumorpha*, cujo último registro também era superior a 50 anos. Um ano depois, Salviani repetiu a façanha, junto com Alain Chautems: na Serra de Caiapônia, Goiás, localizou e fotografou *S. defoliata* (foto), cujos registros anteriores eram de 1948. E, no Rio de Janeiro, ainda reencontrou *S. guttata*, que não era vista há mais de 100 anos!

uma ilha, como a rainha-do-abismo de Alcatrazes, na costa de São Paulo (*S. insularis*). Alterar aquele ambiente circunscrito significa extinguir a espécie. Mas, se todo o gênero é tão mal conhecido, quem se importa com tais extinções? Os mesmos colecionadores capazes de

colocar raridades em risco por excesso de coleta? De fato, a paixão por rainhas-do-abismo no Exterior poderia alimentar o tráfico de exemplares silvestres. Mas o interesse da maioria dos colecionadores pelo cultivo e pela conservação das espécies, ao contrário, possibi-

litou a devolução ao Brasil de algumas espécies ameaçadas pela destruição de seus habitats, com sua multiplicação em estufas. E abre perspectivas de um novo tipo de turismo, semelhante ao de observação de aves: os 'safáris' fotográficos para contemplação de

Sinningia defoliata



Sinningia hirsuta



PEDRA ACIMA

Atrás de 'rainhas' como a *S. hirsuta*, aveludada e bicolor, Rogério Salviani tem que enfrentar os abismos (acima) onde estas espécies reinam

plantas brasileiras em seu ambiente de origem.

"Recebo europeus e norte-americanos interessados em visitar as áreas de ocorrência dessas flores, além de maracujás silvestres, orquídeas e outras plantas brasileiras", conta Mauro Peixoto, botâni-

co autodidata e freelancer, como prefere se definir. "Uma ocasião fui com um grupo para Foz do Iguaçu, observar e fotografar flores de *S. selovii*, endêmicas de um local próximo à Garganta do Diabo. O grupo virou atração turística, pois estava de costas para as Cataratas, fotogra-

SAIBA MAIS:

Veja o site de Mauro Peixoto, que também organiza safáris fotográficos aos locais onde as rainhas-do-abismo crescem naturalmente, no Brasil: www.brazilplants.com

Mesmo para quem não entende inglês o site *The Gesneriad Society* vale uma visita, só pelas fotos: www.gesneriadsociety.org

fando um paredão onde ninguém via nada. Os turistas começaram a parar para procurar o que estávamos olhando".

Quando não atua como guia de estrangeiros apaixonados pela realeza dos precipícios, Peixoto pode ser encontrado entre seus canteiros, onde cultiva 98% das espécies conhecidas, mais umas 5 ainda não descritas. Sozinho, ele realiza um trabalho não oficial de distribuição de sementes e de repovoamento, além de estudar as características e exigências de cada planta e divulgar, na internet e pessoalmente, as mais variadas informações sobre cultivo e conservação. Sua dedicação e muitos anos de amizade com Alain Chautems construídos em expedições para observar as 'rainhas' nos cantos mais escondidos do Brasil, renderam a homenagem dos sonhos de todo pesquisador: seu nome atribuído a uma flor, no caso, *S. mauroana*, originária de São Sebastião, no litoral paulista.

"Também participei da descoberta de 8 espécies de *Sinningia*", conta. "A gente nunca vai para o mato sozinho, então as descobertas são de todos. Mas quem está acostumado, bate o olho e já sabe se é coisa nova ou não. E tem muita coisa nova ainda para ser descrita, mesmo na Mata Atlântica, tão destruída".

Para quem só agora toma contato com esse universo sem vertigem, resta torcer para que os Mauros se multipliquem tão bem quanto as *mauroanas*, gerando e distribuindo o conhecimento e a admiração necessários para garantir a conservação de mais essa riqueza da flora brasileira.

